

## Por um ciclo do cacau ampliado: *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado

*For an extended cocoa cycle: Gabriela, Cravo e Canela, by Jorge Amado*

João Paulo Ferreira dos Santos\*  
Universidade de Brasília  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Edvaldo Aparecido Bergamo\*\*  
Universidade de Brasília  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Resumo:** O presente artigo pretende examinar o romance *Gabriela, cravo e canela*, publicado 1958 pelo escritor baiano Jorge Amado (1912-2001). A narrativa *in foco* insere-se no conjunto de histórias que têm a cultura cacauceira e o território sul baiano em comum, daí entendermos que a obra em questão faz parte de um ciclo, o ciclo ampliado do cacau. Desse modo, em contato com o composto de narrativas do cacau, em especial *Gabriela*, é possível perceber além da vida e da lida das mais distintas figuras estético-sociais, o complicado processo de desenvolvimento local e, por extensão, a contraditória modernização nacional. Os limites do latifúndio e das oligarquias rurais ao serem confrontados por uma certa classe burguesa liberal ascendente, sucumbem parcialmente. E é sobre esse processo sócio-político-econômico que se sustentam os romances do ciclo do cacau amadiano. *Gabriela, cravo e canela* talvez seja a narrativa mais bem-acabada de tal circuito: ajustada, do ponto de vista estético, dentre outros fatores, no embate político entre o velho Ramiro Bastos e o exportador Mundinho Falcão, consegue dar a ver as limitações e os impasses de uma ordem em crise, no tocante ao fenecimento de uma era e ao surgimento de um “mandonismo modificado”.

**Palavras-chave:** *Gabriela, cravo e canela*, romance de Jorge Amado; Ciclo do cacau; Modernização brasileira.

**Abstract:** This article aims to discuss the novel *Gabriela, cravo e canela*, published 1958 by the Bahian writer Jorge Amado (1912-2001). The *in-focus* narrative is part of the set of stories that have the cocoa culture and the southern Bahian territory in common, hence we understand that the work in question is part of a cycle, the extended cycle of cocoa. In this way, in contact with the composite of cocoa narratives, especially *Gabriela*, it is possible to perceive, in addition to the life and work of the most distinct aesthetic-social figures, the complicated process of local development and, by extension, the contradictory national modernization. The limits of the latifundium and the rural oligarchies when confronted by a certain rising liberal bourgeois class, partially succumb. And it is on this socio-political-economic process that the novels of the Amadian cocoa cycle are sustained. *Gabriela, cravo e canela* is perhaps the most well-rounded narrative of the circuit: adjusted, from an aesthetic point of view, and in the political clash between old Ramiro Bastos and exporter Mundinho Falcão, it makes it possible to see the limitations and the “end” of an era and the birth of a “modified mandonism”.

**Keywords:** *Gabriela, clove and cinnamon*; Jorge Amado's novel; Cocoa cycle; Brazilian modernization.

\* Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, Especialização em Linguagens pela Universidade de Brasília. Possui, ainda, Mestrado e Doutorado em Literatura pela UnB. E-mail: joaopaulofds1@gmail.com.

\*\* Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com ênfase na área de Literatura Comparada. É professor de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: edvaldobergamo@gmail.com.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS<sup>1</sup>

O aspecto crítico decisivo dos romances de Jorge Amado que têm o cacau, ou antes a cultura cacauzeira, como motivo literário central é o problema do progresso humano e material em condições capitalistas periféricas, isto é, o controverso processo de modernização conservadora do Brasil (FERNANDES, 1976).

*Gabriela, cravo e canela*, o décimo primeiro romance de Amado, publicado em meados de 1958, narra, primordialmente, em terceira pessoa, a trajetória da retirante Gabriela, em suas múltiplas conexões com a ordem social, econômica e política da cultura do cacau na cidade de Ilhéus e arredores. Talvez fosse melhor dizer que o romance, como num grande painel em que figuram espaços e personalidades diversas, conta a história do desenvolvimento de uma importante cidade do sul da Bahia e do seu povoamento, numa suposta constância de episódios cotidianos, representando banalidades domésticas, assassinatos brutais, costumes rígidos, amores escandalosos e intrigas interioranas. Na aparente forma de “crônica”, como ostenta o subtítulo do romance (*Gabriela, cravo e canela – crônica de uma cidade do interior*), o livro demonstra ser muito mais do que o relato do dia-a-dia de pessoas e de ações corriqueiras de uma cidade do interior, haja vista que o narrador expande e intensifica as motivações e os efeitos de ações/reações/interações da rotina na vida e nas escolhas individuais e coletivas da cidade. Assim, desde o princípio, a narrativa amadiana em questão já apresenta uma dificuldade, qual seja de adequação quanto a um gênero narrativo determinado. Quer dizer, *Gabriela* ao mesmo tempo que possui os traços de uma crônica, devido aos relatos quase que minuciosos da vida privada e pública da urbe ilheense, também conserva certo tom lírico em alguns episódios narrados, bem como abre cada um de seus quatro capítulos com uma composição poética tradicional que vai do “Rondó” ao “Cantar de amigo [...]”. No entanto, sobressai desse misto de configurações literárias a forma romance que se aproxima substancialmente das formulações de György Lukács, quando este diz que o romance “se propõe [...] – com sua caracterização de uma parte limitada da realidade, apesar de toda a riqueza de mundo figurado – despertar no leitor a impressão de totalidade do processo social de desenvolvimento” (LUKÁCS, 2011, p. 173). Ainda, conforme o esteta pensador,

O objeto principal do romance é a sociedade: a vida social dos homens em sua contínua interação com a natureza que os cerca e constitui a base de sua atividade social, assim como com as diferentes instituições ou costumes que se interpõem nas relações entre os indivíduos na vida social. [...]. No romance [...], o mundo aparece não apenas como motivo, mas como um entrelaçamento muito concreto e complexo, com todos os detalhes do comportamento e da ação dos homens na sociedade. (LUKÁCS, 2011, p. 174)

Desse modo, ultrapassando os limites da crônica, *Gabriela, cravo e canela* parece estar mais perto do gênero romance, não apenas pelo volume de páginas e pela narração de episódios habituais, mas principalmente por representar a vida social dos homens em suas múltiplas interações e contradições, por transfigurar as paixões e os destinos dos personagens, ao longo do desenvolvimento histórico-social e político-econômico da cidade de Ilhéus e, por extensão, do Brasil (DUARTE, 1996).

<sup>1</sup> O presente texto é parte constitutiva de uma tese de doutorado em andamento na Universidade de Brasília (PÓS-LIT/UnB).

Outro elemento crítico a ser considerado neste quarto romance amadiano do ciclo estendido do cacau<sup>2</sup> é a importância conferida às figuras femininas, no tocante à permanência do patriarcado rural: Ofenísia, Glória, Malvina e Gabriela. Todos esses personagens abrem um capítulo da obra, inclusive com um poema evocando os desejos, os desencantos e as opressões a que são submetidas. A primeira pertencera a uma família nobre no tempo da monarquia e se apaixonou pelo imperador, de modo que não aceitava outro que não este com sua barba negra. Glória é a concubina do coronel Coriolano Ribeiro e vive solitária em um casarão de frente para a praça da cidade, suspirando pelos transeuntes e desejando que alguém ousasse transpor as portas do seu sobrado. Já Malvina é a filha rebelde do fazendeiro Melk Tavares, que não aceita o casamento arranjado e sonha sair livre pelo mundo, ganhando seu próprio dinheiro e fazendo suas convenientes escolhas. Por sua vez, Gabriela, que empresta o nome ao livro, é uma retirante que, contratada como cozinheira, ganha a simpatia do público masculino da cidade, inclusive o amor do seu empregador, o comerciante Nacib. Esta última personagem feminina distingue-se pelo seu modo de ser, isto é, particulariza-se em suas relações afetivas e comunitárias. Os traços que marcam a personalidade de Gabriela vão desde uma ingenuidade pueril até o apreço pela liberdade em seu sentido mais pleno, de desapego às coisas materiais e de convivências sociais e afetivas desinteressadas, destituídas de moralismos.

No contraponto das figurações femininas estão as figurações dos homens, quase todos voltados às atividades produtivas, comerciais, políticas e ou de bebidas, jogos e libertinagens. Assim são, pois, os coronéis que vivem entre suas fazendas e a cidade de Ilhéus, bem como o exportador Mundinho Falcão e demais personagens que exercem as mais variadas profissões (professor, jornalista, bibliotecário, orador, juiz, advogado e dono de bar) no romance.

De mais a mais, na história de Gabriela, acompanhamos o desenvolvimento da cidade grapiúna: o antes e o agora, assim como as promessas de futuro. Na disputa pela construção do porto da barra de Ilhéus, a narrativa vai dando a ver as forças políticas e as mobilizações sociais que impulsionam o progresso urbano, na mesma medida em que revela as contradições históricas entre os conquistadores de outrora e os financistas do presente. Contradições essas sustentadas pelas necessidades reais impostas pelo tempo, de maneira que a modernização se apresenta não como uma mera vontade dos sujeitos da atualidade, mas um imperativo do próprio tempo hodierno. Portanto, a narrativa amadiana de 1958, para além de figurar o momento de transição de uma forma atrasada das relações sociais para um modo mais evoluído, demonstra ainda as causas e as imposições de tais mudanças no andamento histórico.

À vista do que foi dito, o romance em análise insere-se no ciclo de narrativas do cacau de Jorge Amado como uma ampliação dos temas e problemas discutidos nos três romances anteriores (*Cacau*, *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*) e no seguinte (*Tocaia Grande – a face obscura*). No que diz respeito aos três primeiros, o romance em apreciação conserva o tema e o ambiente: o coronel, sua relação com o outro e com a terra; o exportador e o comércio; a política; as substituições no poder de mandonismo local; o ambiente continua sendo Ilhéus (cidade e município) e adjacências. No que se refere à complexidade transformadora da região, *Gabriela, cravo e canela* vai além da figuração do coronel com seus herdeiros e jagunços, pois contempla igualmente a zona cacauceira na sua diversidade social e humana, especialmente urbana. Já o ambiente narrativo de *Tocaia Grande* não é a cidade de Ilhéus, mas sim o que seria o surgimento ficcional da violenta Irisópolis (um burgo sertanejo situado nas proximidades de Ilhéus).

---

<sup>2</sup> *Gabriela, cravo e canela* é antecedido por *Cacau*, *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* e sucedido por *Tocaia Grande – a face obscura*, publicados, respectivamente, em 1933, 1943, 1944 e 1984.

Como veremos a seguir, *Gabriela, cravo e canela* procura alcançar certo grau de realização estética, quando consegue um equilíbrio figurativo tanto na linguagem utilizada, quanto na representação de personagens, ações e ambientes construídos ficcionalmente (ALVES, 2013). Vale observar que, neste aspecto, o romance em exame aproxima-se dos seus predecessores, em especial de *Terras do Sem Fim*, isto porque em toda a narrativa de *Gabriela* os personagens e as situações são apresentados de modo aparentemente natural: uma figuração realista que salta do cotidiano para a História, como ação humana transformadora.

Em suma, no presente texto, discutiremos o romance amadiano de 1958, partindo da hipótese de que se insere no ciclo das narrativas do cacau e que o enredo ali narrado, bem como os personagens, em suas ações e reações, dão a ver o processo de modernização local e, por extensão, nacional, tanto na materialidade da vida (social e econômica), quanto na constituição da mentalidade reinante (cultural e espiritual), a partir dos arranjos acertados e decisões tomadas, envolvendo o decadente mandatário político, o coronel Ramiro Bastos, e o bem-sucedido exportador arrivista, o jovem astuto Mundinho Falcão.

## 2 “SERÁ QUE AINDA A GENTE SABE MANDAR, AINDA PODE MANDAR?”

Conforme avançamos na leitura do romance *Gabriela, cravo e canela*, deparamo-nos a certa altura com um diálogo entre os coronéis Ramiro Bastos e Altino Brandão. A um comentário do primeiro, o segundo responde:

Dantes, era fácil mandar. Bastava ter força. Governar era fácil. Hoje, tudo mudou. A gente ganhou o mando, vosmicê já disse, derramando sangue. Ganhou pra garantir a posse das terras, era preciso. Mas a gente já fez o que tinha que fazer. Tudo cresceu. Itabuna tá tão grande como Ilhéus. Pirangi, Água Preta, Macuco, Guaraci tão virando cidades. Tá tudo entupido de doutor, de agrônomo, de médico, de advogado. Tudo reclamando. Será que ainda a gente sabe mandar, ainda pode mandar? (AMADO, 2012, p. 187).

A réplica do fazendeiro Altino ao seu interlocutor pauta uma questão importante e cara aos personagens, qual seja, o papel da ação humana na história. O narrador, após apresentar o ambiente e criar uma atmosfera favorável, passa a palavra aos coronéis, que discutirão suas atuações e reações no tempo e no espaço. Falarão sobre o passado e o presente mediados pela política. Ramiro Bastos resiste em abrir mão da autoridade, vivendo num passado esclerosado. Altino Brandão, com mais visão e bom senso, enxerga as necessidades da terra. O coronel sabe que o tempo presente é outro, diferente dos idos aventurecos da conquista, e com suas peculiaridades desafiadoras.

Em uma leitura cuidadosa, observa-se, nas réplicas e trélicas dos fazendeiros, um reposicionamento das forças simbólicas e político-representativas, não apenas no sentido direto de mudança histórico-temporal, como é em *São Jorge dos Ilhéus*, mas desta vez tais reposicionamentos são construídos gradual e moderadamente. A princípio, a disputa aparente é entre os Bastos e Mundinho Falcão, mas o essencial da questão são os limites históricos vivenciados pelas diversas esferas sociais da comunidade ilheense e região. E disso, talvez, nem o coronel e nem o exportador tenham consciência. Daí, portanto, a figura de Altino Brandão ser necessária nesse jogo, como mediador, pois o personagem encontra-se entre o passado – do qual ele foi também partícipe – e o futuro demandado pelas novas circunstâncias, já visíveis no presente, mas que ele tem certa consciência da impossibilidade de controle. Assim, o fundamental do problema posto não são os coronéis *versus* os exportadores, e sim os feitos ultrapassados e as

necessidades prementes. O progresso da história, em suma. O coronel Altino parece entender tal urgência.

Pensando-se na correlação de forças sócio-políticas narradas em *Gabriela*, fica evidente o dilema a que estão submetidos os coronéis. Pois, de um lado, há o imperativo dos compromissos assumidos – o coronel Ramiro não cede porque tem obrigação com o governador, os fazendeiros Amâncio Leal e Melk Tavares estão acertados com os Bastos por conta de favores prestados, etc. De outro lado, existem os latifundiários, que mesmo comprometidos com o mandatário local, sensíveis às necessidades infraestruturais do município, optam por romper com o apoio automatizado a Ramiro. Isto, influenciados, até certa medida, pelo posicionamento do coronel Altino Brandão. Ainda neste sentido, vale a pena mencionar o caso do município vizinho a Ilhéus: Itabuna. Por lá, o movimento é parecido. O coronel Aristóteles Pires, intendente municipal e “devedor” de favores a Ramiro Bastos, rompe o acordo com este e se coloca ao lado de Mundinho, quando é alvejado por uma bala e fica à beira da morte.

Com tudo isso, portanto, fica evidente que mais do que um embate enviesado entre coronéis (no plural) e exportador (no singular), a disputa dá-se entre as figuras que permanecem presas às realizações pretéritas e os personagens que veem e compreendem as necessidades inadiáveis do tempo presente.

Em determinado momento do romance, Mundinho Falcão pronunciará sem modéstia: “eu sou o futuro”. E de fato tende a ser, no entanto, menos por ser exportador e mais por perceber os ditames temporais e em dar respostas convincentes a eles, como são os casos da drenagem da barra, da construção do porto e dos investimentos no comércio de Ilhéus.

## 2.1 O DILEMA DOS CORONÉIS – O COMPROMISSO COM O PASSADO OU A SINTONIA COM O FUTURO?

Em um dos episódios de *Gabriela, cravo e camela*, acompanhamos um acalorado debate acerca do progresso de Ilhéus. Em determinado momento, um dos coronéis presentes, Amâncio Leal, interage com o personagem Doutor:

– Ouça, Doutor: fala-se muito de progresso, de civilização, da necessidade de mudar tudo em Ilhéus. Não ouço outra conversa o dia inteiro. Mas, me diga uma coisa: quem é que fez esse progresso? Não fomos nós, os fazendeiros de cacau? Temos nossos compromissos, tomados numa hora difícil, não somos homens de duas palavras. Enquanto eu for vivo, meus votos são de meu compadre Ramiro Bastos e pra quem ele indicar. Nem quero saber o nome. (AMADO, 2012, p. 45)

Como fica manifesto, o coronel Amâncio, que conforme o narrador “era um homem calmo, não gostava de discussões”, mas que era “chefe de jagunços, [...] um dos homens que mais sangue fizera correr em Ilhéus nas lutas pelas matas de Sequeiro Grande” (AMADO, 2012, p. 25), ao mesmo tempo que tem ciência dos feitos do seu grupo na história local – construtores de civilização –, evidencia o caráter austero e/ou a personalidade intransigente, em parte comum, não mais encontráveis nos fazendeiros de então: o comprometimento e a honra à obrigação apalavrada.

Certamente, do enfático discurso do personagem pode-se subtrair duas linhas – que não se anulam: a primeira, trata-se da transformação do ambiente e dos homens pela própria ação/intervenção humana e, a segunda, se refere à importância do elemento político na ampliação

do poder dos coronéis. Quer dizer, ainda que haja o poder legitimado pela fortuna e, em certos casos, acrescido pela patente de coronel da Guarda Nacional, parece imprescindível aos fazendeiros o domínio político inquestionável. Daí que faz a diferença estar ou não no controle das estruturas estatais, ou ao menos estar sob a guarda de quem esteja no domínio da ordem instituída. Por isso que o coronelismo como sistema predominantemente político “é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público [...] e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras” (LEAL, 1975, p. 20).

No que diz respeito às transformações operadas nos espaços físicos (a urbanização) e socioculturais da zona cacauceira, decorrentes das ações/interações humanas, pode-se dizer que estas são decisivas não apenas ao reconhecimento do progresso local, mas também se relacionam com as necessidades estruturais de elevação da cidade a um espaço urbano desenvolvido, bem como o anseio de independência em relação a capital. Por isso que o embate em torno do aprofundamento ou não da barra, e posterior construção do porto de Ilhéus, constituirão o centro da intriga entre o velho Ramiro Bastos e o jovem Mundinho Falcão, além do estímulo à rivalidade entre os partidários de um e de outro. Logo no início do romance o narrador nos faz saber que

Havia um ar de prosperidade em toda parte, um vertiginoso crescimento. Abriam-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construíam-se casas, sobrados, palacetes. Os aluguéis subiam, no centro comercial atingiam preços absurdos. Bancos do sul abriam agências, o Banco do Brasil edificara prédio novo, de quatro andares, uma beleza!

A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracterizara no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de permanente poeira, tiros enchendo de susto as noites intranquilas, mascates exibindo suas malas nas calçadas. Tudo isso acabava, a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. (AMADO, 2012, p. 20)

Toda a primeira parte de *Gabriela, cravo e canela* é a narração de uma Ilhéus em vias de transição, de rápidas mudanças. Ao mesmo tempo em que o narrador destaca o “ar de prosperidade”, o “vertiginoso crescimento” da região, que aos poucos vai perdendo o “ar de acampamento guerreiro”, num movimento vacilante de indeterminações, também apresenta as transformações espaciais e sintetiza o processo histórico em que as marcas do passado vão cedendo espaço a um presente vertiginoso. Inclusive, vale observar que, de modo sutil, a voz narrativa evidencia que o curso da modernização passa necessariamente pelo desenvolvimento do comércio: os aluguéis subindo, os bancos, as “vitrines coloridas e variadas”, as “lojas e os armazéns”.

Obviamente, os coronéis vivem e apreciam as mudanças de ares testemunhadas por toda Ilhéus e adjacências, e até contribuem para que assim ocorra, dado que se orgulham da cidade, de vê-la prestigiada na literatura ou pelos que a visitam. No entanto, para uma parcela dos conquistadores da terra, é difícil aceitar que algumas renovações se realizem, não pela convicção de que a cidade não mereça, mas pelo protagonismo de novos sujeitos que se apresentam e empenham-se na concretização de tais melhorias, supostamente progressistas.

Dessa maneira, portanto, é complicada a situação dos latifundiários, pois se encontram numa disputa histórica em que, numa direção, apegados ao poder de mando e/ou ligados a compromissos políticos, econômicos e ou afetivos, veem-se rompendo alianças antigas e mesmo amargando derrotas e, noutra direção, testemunham a ruína da ordem instituída que lhes

conferiam importância e prestígio. Como já apontamos acima, o personagem do coronel Ramiro Bastos, assim como os seus partidários, situam-se nessa encruzilhada quando, de modo intransigente, se colocam numa posição de combate mortal na disputa pelo poder de mando político da região. Os fazendeiros Amâncio Leal e Melk Tavares, aliados de Ramiro, compreendem que a luta é improdutiva, a não ser que lancem mão de recursos não necessariamente ilegais, mas imorais aos olhos do patriarca da família Bastos, qual seja, pedir que o governador não reconheça a vitória do seu opositor – recurso característico e muito usado no período da Velha República, como aponta Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu livro *O mandonismo local na vida política brasileira* (1976). Pois consoante Queiroz, as chamadas comissões de “verificação de poderes” poderiam, segundo o grau de simpatia e compromissos para com um dos lados concorrentes, validar ou alegar nulidade de uma eleição, diplomando o grupo menos votado, por exemplo. De todo modo, o narrador de *Gabriela, cravo e canela* nos certifica de que

Fazendeiros, em número cada vez maior, aderiam a Mundinho. Cumpria-se a previsão do coronel Altino: Ramiro Bastos começava a ficar sozinho. Seus filhos e seus amigos davam-se conta da situação. Concentravam agora suas esperanças na solidariedade do governo, no não reconhecimento da vitória da oposição se esta acontecesse. Disso falavam, em casa do coronel Ramiro, seus dois filhos [...] e seus dois mais devotados amigos: Amâncio e Melk. [...].

O velho coronel ouvia, o queixo apoiado no castão de ouro da bengala. Seus olhos, de onde a luz desaparecia, apertavam-se. Vitória assim não era vitória, era pior que derrota. Ele nunca precisa disso. (AMADO, 2012, p. 231).

Como fica evidente, a bifurcação histórico-política, na qual o velho Ramiro se encontra, nenhuma das opções lhes são favoráveis: para um lado, a derrota iminente, para o outro, a humilhação suprema de uma vitória esvaziada. Assim, resta ao irreduzível mandatário a luta inútil. Uma batalha bastante diferente daquela do tempo da conquista da terra. Porém, para ele, este combate valia sua honra, sua dignidade de patriarca e maioral, a quem todos curvavam e obedeciam.

Caminhando no mesmo sentido que o velho Bastos, está o coronel Altino Brandão. Este, apresentado pelo narrador como “o maior fazendeiro da zona depois do coronel Misael. Com ele votava todo o distrito, era carta importante na vida política” (AMADO, 2012, p. 155). Contudo, diferente do coronel Ramiro, Altino, tendo ciência de sua posição social e econômica de grande senhor de terras e gente, observou e ponderou sobre a realidade em mutação. Ao se encontrar, ele também, na encruzilhada, optou por seguir em frente em outro arranjo.

Neste ponto, vale observar certas nuances figurativas, mas também histórico-sociológicas, que diferem, por exemplo, o embate entre o clã Badaró e Horácio da Silveira (*Terras do Sem Fim*), que é um combate entre coronéis, bem como a batalha inglória dos exportadores contra os fazendeiros, em *São Jorge dos Ilhéus*. No primeiro caso, a força progressista encampada por Horácio, vencedor da contenda, é intuitiva e quase que inconsciente. Já aqui, em *Gabriela*, o coronel Altino tem plena consciência de realidade, assim como do seu papel em escolher um partido, o lado do novo, que significava futuro. No que se refere à segunda situação, mais uma vez, os coronéis têm plena consciência do que está em jogo. Aos que escolhem estar ao lado dos Bastos ou aos que optam por estarem junto com Mundinho Falcão tomam suas decisões respaldadas nas necessidades materiais demandadas pela realidade local, e não por ingenuidade pueril e comodista.

Ao recuperar os personagens de primeiro plano das duas narrativas do ciclo do cacau anteriores a *Gabriela*, pretende-se não uma comparação direta e mecânica, mas ressaltar as peculiaridades de um e de outro, no instante da transição histórica de poderes, sejam econômicos ou políticos. No romance abordado, a figura do coronel Altino Brandão, talvez melhor do que qualquer outro dos personagens representativos do grupo dos coronéis, compreenda os limites históricos do sistema político-econômico, cultural e jurídico afiançado por eles e defenda (por oportunismo ou por entender que a história precisa seguir) o protagonismo de novos sujeitos, com ideias, valores e ações “novas” e ousadas. Todavia, não sem antes investir numa infrutífera ideia de unificação das forças combatentes, via casamento arranjado.

Já caminhando para o desfecho do romance, o narrador, entre banalidade e coisas sérias, dirige a ação dos coronéis para adiante, seja motivado pela morte de Ramiro Bastos, seja sob influência dos argumentos dos filhos – estudantes no Rio de Janeiro – sobre o futuro. Assim, é que em determinado momento nos deparamos com o inesperado encontro do coronel Amâncio Leal, real herdeiro político do velho Ramiro, com o exportador Mundinho Falcão, no escritório deste. Vejamos:

O coronel apertara a mão do adversário, sentara na confortável poltrona, recusara o licor, a cachaça, o charuto:

– Seu Mundinho, todo esse tempo combati o senhor. Fui eu quem mandou tocar fogo nos jornais [...]. – Fui eu também quem mandou atirar em Aristóteles.

Acendeu um cigarro e continuou:

– Estava preparado para virar Ilhéus pelo avesso. Pela segunda vez. [...]. – Os jagunços já estavam de atalaia, prontos para descer. Os meus e os de outros amigos. Para acabar com a eleição. [...].

Mundinho ouvia muito sério. [...].

[...]

– Agora tudo acabou. Fiquei contra o senhor porque para mim o compadre era mais que um irmão, era como se fosse meu pai. Nunca me importei em saber quem tinha razão. Pra quê? O senhor estava contra o compadre, eu estava contra o senhor. E, se ele fosse vivo, eu estava com ele contra o diabo em pessoa. – Uma pausa. – Nas férias meu filho mais velho teve aqui...

[...]

[...]. Ele discutia comigo: que o senhor estava com a razão. Não era por isso que eu ia mudar.

[...].

[...].

– Depois o compadre morreu. Fui para a roça, comecei a pensar. Quem vai ficar no lugar do compadre? Alfredo? [...]. Tônico? [...]. Fiquei matutando e só vi, em Ilhéus, um homem para substituir o compadre. E esse homem é o senhor. Vim aqui lhe dizer. Para mim acabou, já não combato o senhor. (AMADO, 2012, p. 299-300)

O diálogo do coronel Amâncio com Mundinho mais parece um monólogo, pois a participação do exportador na conversa limita-se à observação atenta e uma expressão de pasmo perante as confissões, reflexões e decisão final do coronel que, como descrito acima, lhe passa o bastão de poder de mando político da região, já sem resistência.

O filósofo György Lukács, no seu monumental *O romance histórico*, ao tratar da literatura do escritor escocês Walter Scott, dirá que “sem uma relação experienciável com o presente, a

figuração da história é impossível” (LUKÁCS, 2011, p. 73). Ainda, para o teórico da produção literária,

Na verdadeira grande arte histórica, essa relação consiste não em referências a acontecimentos contemporâneos [...], mas na revivificação do passado como *pré-história* do presente, na vivificação ficcional daquelas forças históricas, sociais e humanas que, no longo desenvolvimento de nossa vida atual, conformaram-na e tornaram-na aquilo que ela é, aquilo que nós mesmos vivemos. (LUKÁCS, 2011, p. 73).

De fato, a apresentação do passado como força que procura resistir às novidades do presente é algo fundamental em uma narrativa histórica, como é o caso de *Gabriela*. Este romance amadiano, que aspira ser uma “crônica de uma cidade do interior” – e o é, em certa medida –, tem seu significado ampliado quando Jorge Amado revigora em sua narrativa histórica a figura dos coronéis como homens que construíram e habitam o presente, mas que às vezes não conseguem entendê-lo completamente. Em certo momento, em *Gabriela, Cravo e Canela*, nos deparamos com um monólogo introspectivo do coronel Ramiro Bastos no qual passa a se questionar sobre isso: “Por que então, assim de repente, a cidade parecia fugir de suas mãos? Por que começava todos a fazer o que queriam, por conta própria, sem o ouvir, sem esperar que ele desse ordens? Que estava acontecendo em Ilhéus que ele já não compreendia e já não comandava?” (AMADO, 2012, p. 63-64). Enfim, é por meio dessa incompreensão dos fatos corriqueiros que os sujeitos do passado ressignificam a narrativa, pois os questionamentos transformam-se em violentas reações ao “novo”, cuja inevitabilidade é percebida por parte dos coronéis atentos aos movimentos da história.

Ainda que a narrativa não indique uma transformação radical das bases da sociedade ilheense, após a morte do velho Ramiro e a ascensão de Mundinho, a obra sugere uma transição sócio-política, passando, do plano macro, pela modernização infraestrutural urbana, expressas nas formas sócio-arquitetônicas, bem como dos novos instrumentos político-econômicos, até o plano micro, com as transformações operadas no campo cultural, seja nas relações conjugal-afetivas, seja na culinária, na literatura, etc.

De mais a mais, o dilema temporal e moral que acomete a classe dos coronéis em *Gabriela*, tem consequências reais nas relações interpessoais, como são os casos do assassinato da infiel Sinhazinha pelo seu esposo, o coronel Jesuíno, que enfrentará a justiça por tal ato, ou mesmo da postura do coronel Coriolano com Glória, antes e depois de saber da relação de sua amásia com o professor Josué. Entretanto, focaremos a seguir na representação do coronel e seus herdeiros que, via de regra, é problemática, dada a condição disruptiva de mentalidades, comportamentos e projetos, com vistas a um tempo novo, não necessariamente melhor que antes.

## 2.2 O CORONEL E O HERDEIRO

No tópico identificado como “Do simpático vilão”, dedicado à caracterização de Tônico Bastos, filho mais novo do coronel Ramiro, lemos o seguinte trecho:

Tônico Bastos, o homem, por excelência, elegante da cidade, olheiras negras e romântica cabeleira de fios prateados, o paletó azul e a calça branca, os sapatos brilhando de lustro, um

verdadeiro dândi, entrava no bar com seu passo despreocupado quando vinham de pronunciar seu nome. [...]

– De que falavam? Ouvi meu nome.

– De mulheres, de que havia de ser? – Disse João Fulgêncio. – E, falando-se de mulheres, seu nome veio à baila. Como não podia deixar de acontecer...

Abriu-se o rosto de Tônico num sorriso, puxou uma cadeira, aquela fama de conquistador, de irresistível, era a sua razão de viver. Enquanto o irmão Alfredo, médico e deputado, examinava crianças em seu consultório, em Ilhéus, fazia discursos na Câmara, na Bahia, ele trocava pernas pelas ruas, metendo-se com raparigas, comeando os fazendeiros nos leitos das concubinas. (AMADO, 2012, p. 99)

No trecho acima, o narrador nos apresenta um personagem que está longe da grandeza e dignidade do seu progenitor. Um boêmio que contrasta, inclusive, com a personalidade do seu irmão, que parece dedicado à medicina e à política, sem, contudo, ostentar qualquer atitude vultuosa esperada de herdeiro do maior fazendeiro e chefe político regional.

Tônico dado a “dândi”, tido pelos companheiros de bar como “canalha simpático, um irresistível mau-caráter”, enquanto que o primogênito Bastos não passa de um político medíocre e promissor pediatra. Assim, a narrativa vai dando a ver o difícil problema da sucessão no mandonismo local entre os fazendeiros e os seus herdeiros.

Em breve linha, recuperando a problemática da ruptura entre os coronéis e seus filhos nos romances anteriores do ciclo do cacau amadiano, encontramos um Osório estúpido (*Cacau*); depois testemunhamos a brava Don’Ana Badaró atuando de modo altivo (*Terras do Sem Fim*); todavia, ao chegarmos em *São Jorge dos Ilhéus*, testemunhamos uma geração definida pelo narrador e mesmo por um dos personagens como “geração fracassada”, “geração inútil”. Neste último livro, somos acometidos por uma representação direta da decadência moral e espiritual (intelectual e culturalmente) dos herdeiros dos coronéis.

Contudo, em *Gabriela, cravo e canela* a representação é comedida, sem exageros figurativos ou de experimentação das últimas consequências, como é em *São Jorge*. A caracterização dos filhos do coronel Ramiro Bastos, ainda que não traduza grandeza de espírito, antes um aspecto cômico, de homem comum, mediano, está longe de ser a aberração que lemos em certas páginas da narrativa amadiana de 1944. Aqui, a degenerescência dos herdeiros é atenuada por fatores como debilidade, incompetência e leniência.

Vale ressaltar, ainda, uma particularidade de *Gabriela*. Não se observa um empenho do narrador em caricaturar a figura dos herdeiros. Aparentemente, a transfiguração do personagem Tônico Bastos não extrapola os princípios que regem o presente vivido por sua geração: bar, bebida, mulheres, prosa à toa, etc. Porém, essa mesma representação o distingue dos demais (Capitão, Doutor, João Fulgêncio, entre outros), na medida em que ele aparece destituído de qualquer princípio de honra e ou grandeza humana. Daí os companheiros vê-lo como uma personalidade paradoxal: “canalha simpático” e ou “irresistível mau-caráter”.

Também há que se pensar em Alfredo Bastos, que pouco aparece na história, a não ser mediado pelo narrador ou por outro personagem, demonstrando assim a sua pouca atuação no enredo. Após a morte do patriarca Bastos, os personagens comentadores de plantão discorrem sobre a herança do falecido maioral:

Alguns achavam natural e justo fosse a chefia às mãos do dr. Alfredo Bastos, [filho de Ramiro], ex-intendente e atual deputado estadual. Pesavam seus defeitos e qualidades. Não

era homem brilhante nem primava pela energia, não nascera para mandar. Fora intendente zeloso, honesto, administrador razoável, era deputado medíocre. (AMADO, 2012, p. 297)

Como fica evidente, trata-se de uma avaliação de alguém de fora, mas próximo do personagem. Portanto, não se trata de um juízo de valor. De todo modo, Alfredo é aquele que mais se aproxima dos planos malogrados do pai, todavia sem os dotes necessários de chefe político regional. Em parte, o primogênito Bastos não “primava pela energia” porque o tempo dele não demandava tal intensidade na ação, ademais, nas disputas oligárquicas substituíva qualquer arroubo autoritário pela estratégia da negociação, e, em parte, porque a paixão pela medicina pediátrica tem maior espaço no gosto e personalidade do deputado estadual inexpressivo.

De mais a mais, na cena dos festejos de fim de ano, testemunhamos o protagonismo e os discursos dos filhos dos outros fazendeiros. Neste aspecto, vale a pena observar o momento em que eles aparecem (fim de ano), que coincide com as férias dos cursos de bacharéis em que estão matriculados ou na Bahia (Salvador) ou em São Paulo, de modo que isso tem implicações sociopolíticas e culturais significativos, tanto para o enredo, quanto para a análise. Mas é importante que se perceba também que os herdeiros de férias chegam com o discurso afinado com o de Mundinho Falcão, opositor político da família Bastos e aliados como Melk Tavares e Amâncio Leal. Estão também tomados pelo espírito de renovação vigente. Assim nos informa o narrador:

As eleições seriam em maio, mas já o causídico aproveitava todas as ocasiões para deitar o verbo, conclamando o povo a restaurar a perdida decência de Ilhéus. No entanto pouca gente parecia disposta a fazê-lo, os novos costumes penetravam em toda parte, mesmo dentro dos lares, agravavam-se no fim de ano com a vida dos estudantes. Todos eles aderiam ao Capitão. (AMADO, 2012, p. 263).

É sintomática a adesão de “todos” à figura do Capitão, que a voz narrativa revela chamar-se Miguel Batista de Oliveira, filho de Cazuza de Oliveira, ex-fazendeiro e chefe local antes dos Bastos. A aproximação dos jovens estudantes ao Capitão se deve, entre outras coisas, a uma perspectiva desenvolvimentista e progressista encarnada por esse último, junto com Mundinho Falcão. Desse modo, não é casual a inserção de um discurso indireto livre pronunciado por Estevão Ribeiro, filho do coronel Coriolano, num jantar oferecido pelos estudantes ao preferido: “ao ‘futuro intendente’ [...] que irá libertar Ilhéus do atraso, da ignorância e dos costumes de aldeia, candidato à altura do progresso, a iluminar com o raio da cultura a capital do cacau” (idem).

Ainda que pareça apenas retórica, a saudação de Estevão revela objetivamente os ideais liberais assimilados em suas vivências nas capitais e cultivados como projeto de sociedade do presente e do futuro. Mas o discurso demonstra também que a aproximação vai além de afinidades político-ideológicas ou simpatia pessoal. Aparentemente, os jovens olham o Capitão e se veem nele refletidos, pressentindo o futuro. Quer dizer, Miguel Batista de Oliveira fora como eles, filho de fazendeiro rico e influente que acabou por decair irremediavelmente. Agora identificado como Capitão, era alguém empenhado a reassumir o lugar político do pai antes de ser vencido pelos Bastos. Em suma, os estudantes sensíveis às mudanças históricas em curso, entendem que ou eles assimilam, direcionam e controlam as transformações correntes, ou serão por elas tragados e perecerão. Inclusive, o personagem Berto Leal, primogênito do coronel Amâncio, diz o seguinte:

– Não tem jeito, meu pai, o senhor deve entender. Mundinho Falcão é o futuro, padrinho Ramiro é o passado. – Estudava engenharia em São Paulo, só falava em estradas, em máquinas, em progresso. – O senhor tem razão em ficar com ele. Razão sentimental, afetiva, que eu respeito. Eu não posso acompanhá-lo. O senhor deve também compreender. (AMADO, 2012, p. 263).

À exceção de Tônico Bastos, os herdeiros figurados em *Gabriela, cravo e canela* são dotados de certa sensibilidade perceptiva, que possibilita a eles reposicionarem-se no contexto de transição histórico-político testemunhado e protagonizado por todos naquele primeiro quarto de século em que estão inseridos. Em todo caso, se os primogênitos não deram continuidade à estrutura de poder construída por seus progenitores, não necessariamente foi por incapacidade ou por serem inúteis, como fica sugerido em *São Jorge dos Ilhéus*, mas tem a ver com a movimentação de forças históricas em atrito, isto é, refere-se à expansão dos mercados e das indústrias, fomentando o desenvolvimento capitalista à sua fase monopolista, com consequências diretas na vida e nos hábitos das pessoas e dos lugares onde habitam. Assim, quando os estudantes entendem isto, se reposicionam e confrontam o discurso dos pais, de modo que se sobressai não uma face inábil e ou mesmo medíocre dos novos agentes sociais, mas demonstra em boa medida, ao menos aos olhos de alguns patriarcas, um certo orgulho, por estarem os jovens herdeiros atentos às mudanças irreversíveis.

Se testemunhamos no trato dos fazendeiros para com seus filhos uma transformação do exercício do mandonismo local, sem necessariamente um arrefecimento de perspectiva desenvolvimentista na aceitação dos “novos” parâmetros sociopolíticos e econômicos, por assim dizer, então fica patente que eles têm ciência do que lhes resta apenas o retorno às suas fazendas para lá exercerem seu mando à antiga. Desta maneira, os velhos fazendeiros retomam e reafirmam a conhecida rotina da lida diária, sobretudo no modo de sujeição do trabalhador de eito, com o seu agente de segurança particular (jagunço), mas sem perder totalmente a conexão com a cidade em ebulição. E é sobre essa relação que iremos nos debruçar a seguir.

### 2.3 O CORONEL E OS TRABALHADORES

No tópico “Gabriela no caminho”, o narrador recupera a jornada dos retirantes e ressalta a aproximação deles do destino final: Ilhéus, “Princesinha do Sul”. Assim, lemos no relato subsequente:

A paisagem mudara, a inóspita caatinga cedera lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, a chuva caindo farta. [...]. Um trabalhador lhes dera detalhadas explicações sobre o caminho a seguir: menos de um dia de marcha e estariam em Ilhéus [...].

– Tudo que é retirante acampa perto do porto, pros lados da estrada de ferro, no fim da feira.

– Num vai procurar trabalho? – Perguntou o negro Fagundes.

– É melhor esperar, não demora e logo aparece gente para contratar. Tanto pra trabalhar nas roças de cacau quanto na cidade...

– Também na cidade? – Interessou-se Clemente [...].

– Nhô, sim. Pra quem tem ofício: pedreiro, carpina, pintor de casa. Tão levantando tanta casa em Ilhéus que é um desperdício. (AMADO, 2012, p. 75)

Evidentemente, a cena acima não tem grande impacto, a não ser no que se refere ao drama do longo caminho percorrido pelo retirante sertanejo na busca de uma vida melhor. Assim, mesmo que o enfoque do romance não se dirija especialmente a este problema, ele se faz importante, porque a história dos coronéis da zona cacauêira se confunde com a saga da migração, seja aquele que atravessa a caatinga, seja aquele que corta os mares em navios. Contudo, voltemos a atenção para a questão da ocupação laboral, isto é, do trabalho na região.

Observando de perto, a pergunta do negro Fagundes e a resposta do interlocutor demonstram as significativas mudanças pelas quais passaram as relações trabalhistas nas terras do cacau. *Gabriela, cravo e canela*, diferentemente das três narrativas anteriores do ciclo do cacau, não destaca a figura do trabalhador das roças. Mesmo porque o ambiente predominante do romance é a cidade, daí a referência aos trabalhos e trabalhadores urbanos mais detidamente. Entretanto, existem passagens em que aparecem, de forma breve, a figura dos lavradores das roças de cacau, como são os casos dos tópicos “Da luz do fifó” e “Da cobra-de-vidro”. Quanto ao primeiro caso, o título em si é significativo, haja vista a representação da luz que clareia a escuridão intensificada pelas árvores cacauêiras, mas também o objeto fifó, que é uma espécie de tocha embebida de querosene ou outro tipo de óleo bastante usado por camponeses. Além do mais, o narrador apresenta brevemente os trabalhadores e a rotina extenuante nas roças de cacau. Ele nos conta que

Sob o sol ardente, o dorso nu, as foices presas em varas longas, os trabalhadores colhiam os cocos de cacau. Caiam num baque surdo os frutos amarelos, mulheres e crianças os reuniam partiam, com tocos de facão. [...] O trabalho começava com o raiar do dia, terminava com o chegar da noite – um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura, comido às pressas na hora do sol a pino. (AMADO, 2012, p. 165)

À vista disso, vale ressaltar que narrações como essa, da rotina estafante dos lavradores e suas famílias, estão presentes nos três romances do ciclo anteriores a *Gabriela*. O que indica um padrão narrativo, no qual a voz autoral anseia fixar a imagem da precarização das condições de trabalho nas fazendas e a consequente desumanização do trabalhador, além de denunciar o atraso nas relações trabalhistas, já que passados mais de 30 anos da abolição da escravatura, tais relações pouco se alteraram na prática. De toda sorte, retomando o texto *in foco*, importa observar ainda que mesmo o narrador iniciando a história da luz do fifó apresentando de forma resumida a vida e as condições dos trabalhadores das roças de cacau, termina o tópico tratando de outra coisa. Isto é importante porque é como se certas cenas fossem apenas pretexto para a voz narrativa tratar daquilo que julga ser o essencial. Eis o que ocorre no referido episódio: o narrador interrompe a narração no meio para contar lembranças e feitos de um dos personagens (o negro Fagundes) na ocasião dos “barulhos” (queimada dos jornais) e a visão que teve de Gabriela. Inclusive, o mesmo narrador suprime parte da narração, de maneira que(,) da roça(,) os personagens Fagundes e Clemente passam a um barraco clareado por um fifó, sem o leitor nem se dar conta da transição de cena.

No que se refere ao tópico “Da cobra-de-vidro”, os retirantes Clemente e Fagundes são postos retornando para casa, após o sol se pôr, como numa “repetição” do momento acima analisado. De mais a mais, o episódio “Da canoa na selva” parece ser um dos mais significativos, na medida em que apresenta o fazendeiro e seus trabalhadores recém-contratados num mesmo lugar, a caminho da fazenda, dialogando. À certa altura, lemos uma interação de um trabalhador com o coronel Melk Tavares:

- Dantes, um homem valia pela coragem. Hoje só quem enriquece é turco mascate e espanhol de armazém. Não é como antigamente...
- Aquele tempo acabou – explicou Melk. – Agora chegou o progresso, as coisas são diferentes. Mas um homem trabalhador ainda se arranja, ainda há lugar pra todo mundo. (AMADO, 2012, p. 111).

Pode-se dizer que o título supracitado é bastante sugestivo e significativo, haja vista que o narrador pouco fala, possibilitando uma interação direta entre patrão e trabalhador (recém-contratado), que relatam suas histórias e expectativas, mas antecipam suas frustrações, já percebendo as mudanças temporais (históricas) de um passado que lhes oferecia possibilidades de melhora de vida e um presente que nada ou muito pouco lhes pode oferecer. O que, evidentemente, em parte se confirma, e em parte não.

Em suma, a presença limitada do trabalhador das roças de cacau em *Gabriela* se deve ao enfoque no processo de modernização, que direciona, em termos literários, toda a atenção narrativa e, factualmente, conduz uma parcela significativa dos lavradores para os centros urbanos, ou melhor, para as periferias das cidades em desenvolvimento desigual.

De toda maneira, importa dizer que dos trabalhos rurais ou a eles voltados, ainda há um que permanece: o de jagunço. Como temos visto, estes personagens estão nas três primeiras obras que compõem o ciclo do cacau. E também aparecem no romance *in foco*, já em vias de extinção como grupo social e ou ocupação outrora fundamental no coronelismo. Uma importância recuperada na última narrativa do ciclo, *Tocaia Grande*, diga-se de passagem.

Na narração da visita do exportador Mundinho Falcão à fazenda do coronel Altino Brandão, a voz narrativa conta que na percepção de simpatizantes do exportador, “enquanto os Bastos mandassem, diziam, não se veria o fim do reino dos jagunços” (AMADO, 2012, p. 175).

Para os leitores de *Cacau*, *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, no tocante à figura do jagunço, vê-se que tal fenômeno caracterizado pela violência só é possível num sistema social afetado por sérios problemas socioculturais e político-econômicos, em moldes autoritários e despóticos, como é o caso do coronelismo em sua face mandonista, no qual prevalece a ação brutal e a consequente intimidação/anulação do outro submetido ao trato arbitrário.

A pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz dedicou um título específico em seu livro de ensaios sociológicos sobre o mandonismo, para estabelecer uma definição de jagunço e o que essa figura representou para o Brasil nos tempos transcorridos da chamada República Velha. Sendo assim, diz a eminente investigadora:

Nas duas conceituações que encontramos até agora – arma, e quem da arma se servia –, “jagunço” parece termo específico do Nordeste. O último significado só pode ser compreendido conhecendo-se a estrutura rural nordestina, que aliás não diferiu da estrutura que sempre se conheceu em todo o Brasil rústico. Esteve sempre a sociedade rústica brasileira dividida em parentelas que procuravam dominar localidades, zonas e até regiões inteiras. O capanga, o jagunço, foram instrumentos para esta dominação (QUEIROZ, 1976, p. 220).

Dessa maneira, na ficção ou como fato histórico, o jagunço foi um tipo social notável na vida histórica brasileira, servindo por amizade, gratidão ou pago em dinheiro por cada “serviço”<sup>3</sup> executado. No caso acima, em que o narrador amadiano condiciona a existência do “reino dos jagunços” ao tempo de mando da família Bastos, fica evidente que o fenômeno entra em decadência quando o sistema em que ele é uma peça fundamental da engrenagem também entra em declínio. No entanto, isso não significa que a essência desses que “foram instrumentos” se esvai, pelo contrário, são forçados pelas adversidades e circunstâncias a um outro reordenamento. Quer dizer, sumariamente, em *Cacau* ele continua a servir, já que o sistema permanece de pé; em *Terras do Sem Fim* o jagunço se humaniza no processo de autoconsciência vivido pelo negro Damião na tocaia e, também, se torna pequeno proprietário pelo casamento – quando Antônio Vitor casa-se com Raimunda; em *São Jorge dos Ilhéus*, aqueles que “foram instrumentos” dos coronéis são cooptados e transformados em soldados de polícia, passando a servir ao Estado, à Lei, a quem eles eram contrários; em *Gabriela*, vivem o papel de desordeiros, mas prevalece o sentido da rebeldia e certa sensibilidade humana na personalidade do negro Fagundes, que demonstra ter traços de caráter e humanismo percebido em Damião; e, por fim, a figura do Capitão Natário, em *Tocaia Grande*, atinge o ápice da adaptação ao tempo e às recentes condições sócio-históricas para além da era coronelista, tornando-se pequeno proprietário, Capitão da Guarda Nacional e, ao mesmo tempo, benfeitor, morador e protetor do arraial de Tocaia Grande. Ou seja, não é um coronel – e nem de longe um comerciante –, mas também não é mais um mero jagunço, um capanga, um mercenário a soldo.

É importante destacar a ficcionalização dos jagunços em Jorge Amado para demonstrar que as transformações históricas que conduziram à superação do coronelismo levaram, outrossim, o aparato paramilitar que sustentava em armas o poder dos coronéis a se adaptarem à (às) novas circunstâncias da modernização conservadora brasileira. Desse modo, quando nos dirigimos ao desfecho do romance amadiano de 1958, e lemos as confissões do coronel Amâncio Leal, revelando a intenção de soltar os jagunços nas ruas de Ilhéus, a fim de inviabilizar o processo eleitoral que poderia eleger Mundinho Falcão, fica claro o papel de “instrumentos” que o grupo miliciano exercia, bem como a pressentida decretação do seu fim iminente, já que o fazendeiro, como convicto herdeiro político do mandatário Ramiro Bastos, passa a aliado do moderno chefe político, dividido entre os deveres de líder regional e os de financista ambicioso.

#### 2.4 “O FUTURO SOU EU”: O MANDONISMO MODIFICADO

A certa altura da narrativa de *Gabriela, cravo e canela* nos deparamos com uma fala que se poderia dizer emblemática, senão maquiavélica, dita por aquele que antagonizará com os coronéis em suas práticas tradicionais. Assim enuncia Mundinho Falcão: “– [...] O governador é um velho, o genro um ladrão, não valem nada. Fim de governo, fim de um clã. Vais ficar contra mim, contra a região mais próspera e poderosa do estado? Burrice. O futuro sou eu, o governador é o passado” (AMADO, 2012, p. 42).

Na situação acima, Mundinho conversa com o Ministro da Viação e Obras Públicas, e à parte as acusações e intimidações, importa, a princípio, as constatações e a afirmação de que “o futuro sou eu, o governador é o passado”. Apesar do sentido de autoridade, de arrogância que vai nesta frase, aparentemente a ambiguidade a respeito do governador ser o passado é sintomático, haja vista que o termo sugere alguém em particular que tende a ficar para trás na linha da História,

<sup>3</sup> Assassinato ou crimes de natureza violenta.

dando lugar a outro, mas também indica um modo distinto (que não deixa de ser o mesmo) de se fazer política.

No enredo, o personagem Raimundo Mendes Falcão é o herdeiro mais novo dos Mendes Falcão – importante, tradicional e influente família, donos de terras e grandes produtores e comerciantes de café em São Paulo. Mundinho Falcão, como é conhecido pelos populares, difere em absoluto dos demais dirigentes que representam o comércio, sobretudo a exportação, entre outras coisas, pelo seguinte motivo: a combinação de razões econômicas (dono e diretor de empresa de exportação em Ilhéus) e políticas (ambição de se eleger deputado federal por si, representando a zona cacauceira sul baiana), o que já indica mudanças significativas na cultura vigente até então. Aqui, vale observar o papel da influência da família (residente em São Paulo, centro da modernização produtiva e comercial do Brasil). Ademais, uma outra circunstância relevante que distingue Mundinho é o lugar que ocupa no conjunto da narrativa do cacau amadiana. Observando os três romances do ciclo antes de *Gabriela*, veremos que em nenhum há uma atuação como a do personagem em causa. Quer dizer, ainda que se repita o mote do progresso, ora encabeçado pelos coronéis, ora protagonizado pelos exportadores, Mundinho Falcão será aquele que sem abrir mão do prestígio, da reputação e da justiça, aspectos típicos da ordem civilizacional burguesa, disputa no plano da modernização conservadora brasileira em velocidade acelerada a substituição do poder de mando político local com os antigos conquistadores da terra, que se fizeram maiores, dominando a economia, a política, a vida e o destino das pessoas ao redor deles, mas que não mais são os agentes determinantes do novo quadro histórico nacional em correlação com a vindoura etapa do capitalismo internacional.

## 2.5 MUNDINHO: UM HOMEM DO PRESENTE E DO FUTURO

Ao apresentar o personagem Mundinho Falcão, o narrador o descreve ficcionalmente desse modo:

Um homem ainda jovem, bem vestido e bem barbeado, olhava a cidade com um ar levemente sonhador. Qualquer coisa, talvez os cabelos negros, talvez os olhos rasgados, dava-lhe um toque romântico, fazia com que as mulheres logo o notassem. Mas a boca dura e o queixo forte eram de homem decidido, prático, sabendo querer e fazer (AMADO, 2012, p. 40).

A respeito da apresentação do jovem e bem-sucedido exportador de cacau, há duas coisas, a princípio, a serem observadas: a primeira é que a descrição de Mundinho demonstra além de uma linguagem adequada e justa por parte da voz narrativa, evidencia o aspecto requintado ostentado pela nova classe de homens de negócio, inclusive realçando o ar burguês um tanto europeu adaptado à realidade brasileira de início do século XX. Também, vale notar os princípios estéticos operados na construção de Falcão, isto é, Mundinho é figurado como uma personalidade mais ativa e astuta e nada modesto e medíocre. Se comparado a outras representações da mesma categoria no ciclo do cacau, como a figura do Carlos Zude, em *São Jorge dos Ilhéus*, logo se percebe o distanciamento que vai entre um e outro. Tal fato pode ser justificado pela maturidade literária do escritor, bem como pela desobrigação em seguir a cartilha de estética literária da novista, conforme informa o próprio autor em entrevista à Alice Raillard (1990), mas sobretudo pelo distanciamento temporal em relação aos fatos representados.

De todo modo, ao ler *Gabriela* fica evidente o empenho do narrador em apresentar uma narrativa literária com alto grau de politização, sem, contudo, ser panfletária. O elemento político é predominante, porém ele aparece mediado, às vezes mesmo dissolvido, pelos diversos acontecimentos – banais ou mais sérios – que colorem o cotidiano ilheense de picardia e senso de realidade histórica. Assim, o personagem Mundinho Falcão desempenha papel fundamental, na medida em que, dotado de certa dignidade e grandeza humana, se faz com determinada naturalidade, é verdade, antagonista de parte dos coronéis representados pelo velho Ramiro Bastos. Ademais, o mais novo dos Falcão além de opositor político do clã Bastos, é quem passa a vencer as batalhas travadas, resolvendo na prática os problemas que entravam o desenvolvimento da localidade, o que, por consequência, conforma-se no progressivo respaldo e apoio da população à sua liderança em ascensão.

Acerca do aspecto político aparecer mediado no romance de Jorge Amado de 1958, vem a calhar as considerações do professor Hermenegildo Bastos quando diz em seu texto sobre “Um romance histórico de Leonardo Sciascia” (2012) que “político é o gesto de criação da obra porque é um gesto de invenção de um mundo outro, diverso daquele do cotidiano, um gesto que se faz para estabelecer uma contraditoriedade” (BASTOS, 2012, 157). Efetivamente, em *Gabriela* a política não é apenas uma hipótese ideológica vinda de fora, mas sim uma manifestação intrínseca à própria obra literária como criação de um mundo, o mundo dos homens.

Mesmo no início do romance, o narrador nos informa que “Mundinho Falcão acreditava no progresso de Ilhéus e o incentivava” (AMADO, 2012, p. 19). Eis uma das diferenças e, paulatinamente, umas das molas propulsoras que alavancaram o personagem a opositor dos Bastos com considerável sucesso. Mundinho concentra em sua personalidade algo impossível aos coronéis e seus propósitos ultrapassados, qual seja, uma visão de futuro ligada ao liberalismo econômico burguês. O jovem exportador aparece como um visionário, na medida em que percebe as oportunidades e nelas investe. Além da construção de uma moderna casa à beira-mar e fundação de uma avenida, emprestou dinheiro, sem cobrar juros, aos amigos Jacob e Moacir Estrela para garantirem a empresa de ônibus funcionando; também formou sociedade com Nacib na criação de um moderno restaurante; exímio filantropo em muitas causas; todavia, a sua aposta histórica e principal investimento foi na construção da barra de Ilhéus. Mundinho percebeu e fomentou a ideia da exportação saindo direto da cidade, e nesse projeto de fundamento econômico consequente empreendeu todo o seu esforço e a influência de sua família no centro político do país.

Se é verdade que as motivações do empresário em acreditar e incentivar o progresso ilheense era honesto e destituído de ambições espúrias, não é menos verdade que o cargo de deputado federal representava para ele uma demonstração – principalmente para a família – de sua maturidade pessoal e financeira, mas sobretudo de renovação política “representativa” voltada, de fato, aos interesses da região sem, contudo, estar submetida aos interesses de um caudilho local. Neste aspecto, Mundinho Falcão antepõe-se não só às figuras que faziam oposição às políticas dos coronéis, concentradas na pessoa do velho Ramiro Bastos, como são os personagens Capitão, Doutor e João Fulgêncio, mas também está na vanguarda em relação aos filhos dos fazendeiros (herdeiros) que, posteriormente, endossarão, sem outra alternativa modernizadora, a fala do exportador sobre ele próprio ser a encarnação de um futuro promissor.

Como resta evidente, os investimentos, por assim dizer, empreendidos por Falcão, caminham em direção ao liberalismo no trato da economia local, até então subordinada a uma política patrimonialista. Neste ponto, vale uma observação: diferentemente do personagem Carlos Zude e demais exportadores figurados em *São Jorge dos Ilhéus*, a representação de Mundinho Falcão não tende à expressão do capitalismo monopolista. O jovem comerciante, ao contrário dos

personagens de mesma classe que o antecederam no ciclo do cacau amadiano, incorpora uma face liberal, cuja ramificação vai desde a política, à economia até à vida cultural da cidade grapiúna e região. Ainda insistindo nessa questão, enquanto que em *São Jorge* os exportadores formam um grupo coeso e empenham-se em monopolizar o setor comercial e financeiro, bem como se apropriar das terras dos coronéis, ambicionando o controle total da economia e da política, em *Gabriela*, testemunhamos o personalismo político-econômico hábil na pessoa de Mundinho Falcão. Parte significativa do romance é dedicado a ele, de maneira a realçar seu papel de benfeitor, de visionário, de empresário bem-sucedido, de homem cordial, amigoso e íntegro, em suma, alguém do presente, que afastou o passado e vislumbra o futuro.

Adotando um outro ângulo crítico, um ponto que atravessa *Gabriela, cravo e canela* é o sentido de ser *grapiúna* (naturais e adventícios das terras do cacau). Assim sendo, o narrador nos faz saber que a “[...] maioria da população não media pelo nascimento o verdadeiro grapiúna, e, sim, pelo seu trabalho em benefício da terra, [...], pela sua contribuição ao desenvolvimento da zona” (GCC, p. 39). Um pouco mais à frente, o narrador dirá ainda, de forma enfática: “Ilhéus precisava de um homem como ele [Mundinho Falcão] para incrementar o progresso, para imprimir-lhe um ritmo acelerado [...]” (idem, p. 43). Se a História da zona cacauera é uma história de valentes aventureiros que se lançaram pelas densas florestas, derrubando árvores, plantando cacau, sobrevivendo a todo tipo de adversidade e, também, formando povoados e ou melhorando freguesias e elevando-as à condição de cidades, então não soa estranho o enunciado expresso pelo narrador em relação ao “verdadeiro grapiúna”. Essa questão será, por exemplo, um dos pontos de discordância entre os coronéis. O velho Ramiro Bastos sente-se atingido pelas ações intempestivas de Mundinho, menos pelas benfeitorias que este esteja implementando na cidade de Ilhéus do que pelo fato do exportador não ser da terra. Destarte, ainda que à primeira vista o problema pareça mera questão de intriga pessoal, não o é, posto que a motivação do enfrentamento do velho cacique político local com o comerciante se dá por esse meter-se “a cuidar do ‘progresso da cidade e da região’, a decidir sobre as necessidades de Ilhéus” (AMADO, 2012, p. 61). Contudo, mal sabe Ramiro Bastos que para além de um “forasteiro”, Mundinho Falcão está ligado a uma classe em ascensão, a classe dos homens de negócio, para usarmos um termo do Caio Prado Jr. (2004), ao distinguir os “grandes senhores de terra” dos pequenos comerciantes portugueses desembarcado nessas terras dos trópicos, sobrevivendo nos centros urbanos. Desse modo, a figura do exportador mistura-se com a imagem do capital nacional em expansão, a universalizar-se e a modernizar-se. Modernização pelo alto que passa obrigatoriamente pelos incrementos infraestruturais da cidade grapiúna e região, bem como avança invariavelmente pelas mãos de uma liderança firme e antenada com as necessidades de uma ordem social em transformação.

No caso, considerando a tese do Brasil como periferia do desenvolvimento capitalista, a questão colocada é que Ilhéus seria a periferia da periferia a sofrer o processo de modernização, de maneira a se inserir no mercado globalizado da exportação direta de matéria prima, de *commodities*. Daí a abertura da barra e a posterior construção do porto serem o eixo da narrativa amadiana de 1958. Ademais, em se pensando no jogo político entre o “velho” e o “novo”, o coronel Ramiro Bastos sentia que as mudanças seriam inevitáveis, porém desgostava que fossem protagonizadas por alguém que ele, na contramão dos seus conterrâneos, considerava “forasteiro” e indigno da empreitada, embora todos fossem adventícios nas terras do cacau.

## 2.6 RAMIRO E MUNDINHO: A PRETENSA TRANSIÇÃO DO ARCAICO AO MODERNO

No episódio em que o coronel Ramiro toma banho de sol, ficamos cientes da importante passagem do romance que se segue:

Nacib lhe dava as notícias mais recentes, o coronel já tinha sabido do encalhe do ita.

– Mundinho Falcão chegou nele. Disse que o caso da barra...

– Forasteiro... – Atalhou o coronel. – Disse que diabo veio buscar em Ilhéus onde não perdeu nada? – Era aquela voz dura do homem que tocara fogo em fazendas, invadira povoados, liquidara gente, sem piedade. Nacib estremeceu.

– Forasteiro.

Como se Ilhéus não fosse uma terra de forasteiros, de gente vinda de toda parte. Mas era diferente. Os outros chegavam modestamente, curvavam-se logo à autoridade dos Bastos, queriam apenas ganhar dinheiro, estabelecer-se, entrar pelas matas. Não se metiam a cuidar do “progresso da cidade e da região”, a decidir sobre as necessidades de Ilhéus (AMADO, 2012, p. 61).

Como é notório, a postura do coronel é reveladora acerca do impacto que a pessoa de Mundinho Falcão causa em seu espírito ancião e de chefe político incontestado da zona cacauzeira, desde há muitos anos. Entretanto, ainda que encenem papéis antagônicos, e que ambos cultivem certo sentimento de irritação em relação ao outro, no plano histórico aparente, testemunhamos uma luta política, sugerindo um processo de transição entre uma forma atrasada de sociedade, com suas múltiplas e complexas relações, para uma forma social moderna, ou melhor, contemporânea aos desafios impostos pelos padrões civilizacionais ocidentais do capitalismo internacional. Já no plano histórico essencial, o coronel Ramiro Bastos e o exportador Raimundo Mendes Falcão estão subordinados a um sistema, ao menos no caso brasileiro, que os antecede e que certamente os sucederá, isto é, a lógica da concentração da riqueza e, sobretudo, o favor como mediação das relações de classes, seja entre os grandes latifundiários e ou pequenos proprietários, seja em meio aos homens de negócio e ou uma classe média melhor servida socioeconomicamente, mas dependente. Conforme Roberto Schwarz, no notável estudo, “As idéias fora do lugar”,

[...] com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção européia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto. *O favor é a nossa mediação quase universal* [...]. (SCHWARZ, 2000, p. 16, grifo do autor)

Sustentados os dois personagens amadianos pela mesma lógica sistêmica do *favor*, resta-lhes disputar a liderança política, *locus* por excelência das decisões e ações de abrangência local, mas também de repercussão nacional e internacional.

Se o velho Bastos e os seus partidários têm o “compromisso” deles – seja com o governador, seja entre eles –, o jovem Mendes Falcão aproveita da influência familiar para pressionar o Ministro da Viação e Obras Públicas na execução do projeto de seu interesse, a abertura da barra de Ilhéus. Inclusive, o personagem direciona a seguinte fala ao ministro: “[...] se venho a ti, é por amizade. Posso ir mais alto, bem sabes. Se falar com Lourival e Emílio tu receberás ordens do presidente da República para mandar o engenheiro” (GCC, p. 42). De mais a mais, ainda lemos a certa altura na narrativa amadiana de 1958 o seguinte: “os Bastos mandavam em Ilhéus há mais de vinte anos, prestigiados pelos sucessivos governos estaduais. Mundinho, porém, atingia mais alto: seu prestígio decorria do Rio, de governo federal” (idem, p. 144).

Deste modo, em substância, o “compromisso” dos fazendeiros para com o governador, ou mesmo entre si, não difere do “compromisso” de classe refletido na atitude de Mundinho. Contudo, como fica incontestado, há uma alteração na ordem das coisas, que se mostram invertidas. Na situação acima, não é o exportador que deve favores ao agente do Estado, mas ao contrário, este dobra-se a Mundinho quando lembrado do caso envolvendo “Berta, a holandezinha viciosa” (idem, 42), misturando o público e privado nas questões de Estado.

A respeito dos compromissos firmados ou apalavrados entre o poder político-econômico local e as instâncias administrativas do Estado, vale observar que enquanto a relação dos coronéis é mais próxima do governo estadual/regional, por aparentados (nepotismo), normalmente – o que não significa que não tenha relações políticas e de interesses com a esfera federal –, o contato e a influência do exportador Mundinho Falcão são diretos com os ministros de Estado (burocracia estatal) e mesmo com o presidente da República, no âmbito das altas esferas do poder central.

Tal fato é a demonstração simbólica do poderio de uma classe dominante em ascensão que, se por um lado, ampara-se no prestígio desfrutado pela família para pedir favores a representantes da administração pública, por outro, tende a concentrar em si, na competência pessoal, toda e qualquer possibilidade de mudança, às vezes de certa conotação ética, digamos, positiva, às vezes, baseando-se em princípios espúrios, na busca por resultados bem-sucedidos. De qualquer modo, o grupo dos comerciantes, tendo Nacib como aliado, sintetizados em *Gabriela* na persona de Mundinho, é a representação dialetizada, por assim dizer, da formação de uma elite econômica e política que, ao mesmo tempo que renova áreas fundamentais da configuração da sociedade local e nacional, inclusive com consequências socioculturais, mantém aspectos de antigas formas sociais resistentes, sobretudo a grande propriedade privada inviolável e os meios de produção baseados no latifúndio e no patriarcado. Privilégios de uma ordem burguesa ascendente combinados com traços oligárquicos renitentes.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciclo do cacau de Jorge Amado, aqui analisado criticamente de modo ampliado, inicia-se em 1933 e encerra-se em 1984, com as publicações, respectivamente, de *Cacau* e de *Tocaia Grande*. Trata-se de uma série romanesca, da qual faz parte ainda outras obras, como *Gabriela cravo e canela*, cujo empreendimento literário ostenta indagações marcantes para se pensar a literatura e a realidade brasileira do século XX, e também o próprio desenvolvimento da obra do autor em questão (ALMEIDA, 1979). Entre a edição da primeira e da última obra do ciclo expandido, passam-se mais de cinquenta anos. Tempo de intensas mudanças históricas locais e mundiais que afetaram a trajetória literária do nosso autor, embora mantendo-se ininterruptamente fiel ao

projeto narrativo principiado nos anos 1930: uma ideação romanesca interessada na interpretação da formação do Brasil. Para o escritor, como resta demonstrado em *Gabriela, cravo e canela*, uma de suas melhores obras, tão importante quanto contar uma história, é para quem contar e por que contar. Assim, não é casual a figuração de tipos sociais múltiplos envolvidos em situações cotidianas, pois dessas circunstâncias, compostas de ações, hábitos, escolhas, paixões em graus diversos, se é possível demonstrar o quão complexo e contraditório é o *ethos* e o *etnos* constitutivos da nacionalidade brasileira. Não obstante, o romance em tela, mais do que uma “crônica” a retratar costumes e futilidades pessoais (com interesses públicos) de uma cidade do interior, representa a possibilidade de se entender e explicar as contradições do nosso (im)provável desenvolvimento, por intermédio das ações e reações de forças históricas em conflito e em disputa pelos rumos da nação em crescimento. A referida obra dá a ver notavelmente o complicado processo de modernização pátrio, que envolve transformações e investimentos infraestruturais, além de renovação na política, seja em âmbito administrativo-burocrático, seja nas elaborações de leis que comportem as novas necessidades e demandas do capitalismo expansionista e liberal, em detrimento de parcelas significativas da população pobre marginalizada, apartada, na verdade, de quaisquer benesses advindas. Em síntese, a luta entre o coronel Ramiro Bastos e o exportador Mundinho Falcão, entrelaçada aos embargos amorosos de Gabriela e Nacib, tem a simbologia ideológica de um confronto histórico entre a velha e a nova ordem. O sujeito ultrapassado, que não entende e nem atende mais às necessidades de seu tempo, e o agente inovador, que vigilante face às novidades e necessidades materiais e espirituais da comunidade, cheio de astúcias, gentilezas e cordialidades, lança-se contra o antigo mando estabelecido, vencendo-o e superando-o. São, assim, modernizadas algumas estruturas materiais e parte das superestruturas sociais e culturais, contudo mantendo os privilégios político-econômicos das classes vencedoras, a despeito das necessidades urgentes das classes vencidas. Em suma, examinar *Gabriela, cravo e canela* hoje é verificar que o “novo” é também parte do “velho”, sob aparente jovial roupagem, algo talvez atraente mas já com cheiro de naftalina. Isto porque problemas basilares, figurados no romance em causa, sequer foram gravemente impactados na transição histórica do Brasil, do arcaico ao moderno, do atraso ao tão almejado progresso. A questão do latifúndio e da distribuição de renda continuam intocadas. A atenção ao trabalhador, à mulher, ao negro, ao índio prossegue como a marca do descaso. A obra *Gabriela, cravo e canela*, portanto, restitui, reencena tais impasses a cada nova leitura, pois o que está em foco, sempre, na literatura de Jorge Amado, é o Brasil e os brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

ALVES, Ivya. “As relações de poder da crítica literária e os romances de Jorge Amado” In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs.). *Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil*. Salvador: Casa de Palavras, 2013.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela – crônica de uma cidade do interior*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BASTOS, Hermenegildo. Um romance histórico de Leonardo Sciascia. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez 2012, p. 156-173.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil – Ensaios de interpretação sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUKÁCS, G. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

PRADO JR. Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.